



MULHERES QUE DESAFIAM O ENVELHECIMENTO E O QUESTIONAMENTO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Belinda Silva Pereira¹
Angelita Alice Jaeger²

Resumo

Não há fonte da juventude nem milagre que impeça as pessoas de envelhecer. Muitas mulheres, inconformadas com tal destino, se dispõem a fazer qualquer coisa para enganar a passagem do tempo, enquanto outras, que já passaram dos 40, 50 ou 60 anos, continuam usando tênis e camiseta, pois seus comportamentos e as atividades que realizam não correspondem aquilo que socialmente delas era o esperado. Essas mulheres estão quebrando estereótipos, pois não se deixam rotular pela idade. O envelhecimento para elas está sendo visto como positivo, pelo fato de que são protagonistas de suas vidas, vivem bem, com mais liberdade e com projetos de vida. Este trabalho tem como objetivos problematizar o modelo do envelhecimento que se encontra arraigado na sociedade, visibilizando o conceito de *ageless*, cuja ideia rompe com estereótipos acerca do envelhecimento feminino. Este trabalho é um recorte do projeto de dissertação apresentado ao Mestrado em Gerontologia da UFSM, apoiado em reportagens de revistas e sites publicados sobre o tema, assim como recorre a estudos acadêmicos. A pesquisa confirma que, após os 35 anos, para algumas mulheres, os rótulos sociais começam a perder a sua força e importância. As que estão com 40 e 50 anos e até mais não se identificam com o rótulo social de “mulheres de meia idade”, que supostamente as identificaria. Na plenitude de sua vida, se recusam a serem definidas a partir de sua idade. Por isso são chamadas de *Ageless*, por serem mulheres inclassificáveis. Conclui-se que a importância da idade está perdendo força para muitas mulheres no sentido de não haver mais impedimentos sociais ou psicológicos para fazer o que bem quiserem de suas vidas. Isso faz com que elas se mantenham constantemente interessadas, motivadas e com projetos de vida.

Palavras-chave: Envelhecimento. Mulheres. *Ageless*.


Introdução

Com a certeza que não há fonte da juventude e tampouco milagre que impeça as pessoas de envelhecer, algumas mulheres, inconformadas com tal destino, se dispõem a fazer qualquer coisa para enganar a passagem do tempo, enquanto que outras, que já passaram dos

¹ Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Doutora em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Doutora em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto. Professora Associada da UFSM.





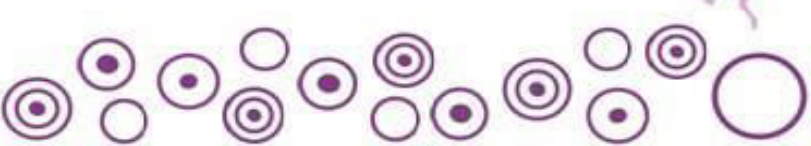
40, 50 anos e até mais, continuam usando tênis e camiseta, comportando-se como bem lhes aprouver, desfrutando das atividades que lhes são mais prazerosas, mesmo que muitas delas não correspondam aquilo que socialmente delas era o esperado, sem se preocuparem com comentários alheios. O envelhecimento para elas está sendo visto como positivo, pelo fato de que são protagonistas de suas vidas, vivem bem, com mais liberdade e com projetos de vida. Estas estão quebrando estereótipos, pois não se deixam rotular pela idade. Sabe-se que existe uma influência muito grande dos padrões (estereótipos) de gênero, ou seja, representações distorcidas e estigmatizadas que condicionam a mulher, ligados à prática de dominação e discriminação. São contra estas ideias arcaicas e preconceituosas que estas mulheres estão se contrapondo (MESQUITA FILHO; EUFRÁSIO; BATISTA, 2011).


Sabe-se, que o conhecimento humano não é capaz de ser sempre complexo, flexível e crítico; diante disso, estamos sujeitos a se deixar levar por estereótipos, como os ditos populares, os refrãos e as frases feitas a respeito de pessoas e grupos, os quais são comumente encontrados em conversas diárias da rua e nos meios de comunicação social. Assim sendo, a sociedade, de modo geral, dificilmente se apresenta em sua crua realidade sem fazer uso de estereótipos por ter um julgamento extremamente simplificado e geralmente com ausência de modelos (MARTINS; RODRIGUES, 2018).

Muito embora as mulheres *ageless* estejam avessas aos estereótipos negativos relacionados ao envelhecimento, sabe-se que, socialmente, a maior parte deste público sofre com tais influências e se deixa rotular pelos mesmos, o que reforça a representação social gerontofóbica (MARTINS; RODRIGUES, 2018).

A sociedade de modo geral, se surpreende ao se defrontar com mulheres que optam por um estilo de vida no qual não se permitem sofrer por que estão envelhecendo; pelo contrário, elas investem em si mesmas e ganham visibilidade nos lugares que frequentam. Gastam seu dinheiro como bem entendem, viajam sozinhas, estudam, fazem novas amizades e se permitem viver novos romances. Não é difícil perceber que estão cheias de projetos de vida e atuantes na sociedade. É como bem coloca Motta (2011, p. 14): "as velhas também existem e se destacam hoje mais além da imagem tradicional de ranzinhas ou de doces avozinhas, como mais dinâmicas, saudáveis, livres, sexuadas e criativas do que as de sua geração em épocas anteriores".

Tal comportamento incomoda muita gente, pelo fato de que desacomoda e coloca em xeque as velhas crenças, que dizem como nós mulheres devemos envelhecer e o que é de nós esperado neste momento de nossas vidas. Estas ideias pré-concebidas projetam sobre as idosas uma representação social gerontofóbica e contribui para uma imagem distorcida da





velhice, do ponto de vista da sociedade e das próprias idosas (MARTINS; RODRIGUES, 2018).

Ageless

A sociedade de modo geral, segundo Motta (2011), espera que a mulher que envelheceu continue a fazer uso da mesma prescrição tradicional que lhe acompanhou por toda a sua vida, que é a da domesticidade e repressão social e sexual, do desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no mercado de trabalho, desigualdade de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens, negação aparente de interesse e capacidade para a política e uma apropriação social do seu corpo expressa no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas. Em resumo, a expectativa obrigatória de uma feminilidade que significava obediência e conformismo (MOTTA, 2010).

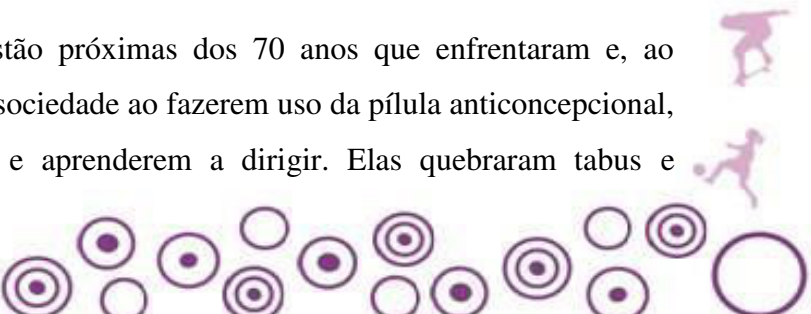
Contrariando o *status quo*, parece que coube a certas mulheres a incumbência de subverter tal prescrição e abrir caminhos dentro da cultura para sustentar os seus desejos, as suas escolhas, a sua sensualidade, bem como a sua feminilidade (MUCIDA, 2011).


De fato, estamos vivendo um momento em que a velhice contemporânea passa a ser desenhada pelo desejo de aproveitar intensamente a vida. A imagem da pessoa velha que ficava relegada ao seu canto à espera da morte começa a dar lugar a um outro sujeito (BIRMAN, 2013).

Por muito tempo, o que imperou em nossa sociedade foram as crenças de que a velhice só pode ser vivenciada através de perdas e limitações. Tal pensamento impediu o entendimento de que existem outras formas de vida, nas quais a velhice pode ser vivenciada de diferentes formas. A partir disso, pode-se inferir que a maneira pela qual as pessoas vivem o seu próprio envelhecimento está ligada aos diferentes contextos sociais, culturais e históricos no qual este indivíduo transita (BASSIT, 2002).

Muitas mulheres que atualmente estão com idades entre 40 e 65 anos pertencem a uma geração permeada por inúmeras mudanças, pois são as representantes da contracultura. Foram as responsáveis pelas lutas e conquistas que formaram um novo conceito de mulher ao longo dos tempos modernos, como esposa, como mãe, como filha, como amiga, como amante, como provedora e como trabalhadora, desempenhando assim, diversos papéis (FERREIRA, 2010).

São geração de mulheres que estão próximas dos 70 anos que enfrentaram e, ao mesmo tempo, escandalizaram toda uma sociedade ao fazerem uso da pílula anticoncepcional, ao saírem para trabalhar fora de casa e aprenderem a dirigir. Elas quebraram tabus e





preconceitos e continuam fazendo isso até hoje, pois são defensoras audazes de seus direitos. Diante disso, pode-se esperar que as próximas gerações de mulheres de 60 e 70 anos estarão ainda melhores e com menos tabus para quebrar (ABREU,2014).

As mulheres estão envelhecendo melhor do que antes por que não estão com os olhos voltados para o passado e sim para o futuro. Seguiram um caminho muito diferente de suas mães e avós e, ao envelhecerem, também, traçaram um outro "destino". Contudo, não se pode afirmar que este seja o perfil da mulher brasileira pelo fato dessas serem a vanguarda, pois protagonizaram e viveram a revolução feminista dos anos 60 (MELLO, 2017).

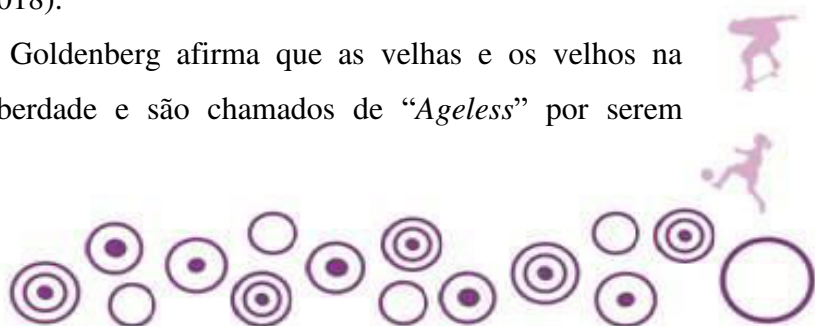
São essas mesmas mulheres, entre outras, que fazem questão de se vestir do jeito que bem entendem, sem se preocupar com o que os outros vão pensar. Estão livres para fazerem a sua própria moda, são donas de suas vidas e não se deixam intimidar por olhares reprovadores. São destaques por ousarem e inspirarem as demais (DREW, 2017).


Mucida (2011) destaca que Paris é considerada a cidade da moda e da estética e nem por isso as mulheres velhas encontram-se escondidas. É comum vê-las nas ruas, exibindo os seus cabelos brancos, suas rugas e outras marcas inscritas pelo tempo e que, nem por isso, se apresentam mais envelhecidas. A cultura parisiense, diferentemente da brasileira, parece aceitar melhor algumas marcas do envelhecimento. Talvez seja por isso que algumas mulheres encontram com mais facilidade os caminhos para dispor sua sensualidade e sexualidade, pois visualizaram uma maneira peculiar de envelhecer e de tratar os efeitos da passagem do tempo. Além do mais, essas mulheres se encontram atuantes na política, no campo artístico, social e cultural, continuando a exercer, de outras maneiras, a sua feminilidade.

As *ageless*, como são conhecidas estas mulheres, usam e abusam da liberdade de gênero e de expressão, vivendo a sua vida sem dar maiores explicações à sociedade. Usam e vestem o que pensam combinar com a sua estética e estão provando que a ideia de ser *fashion* não depende da idade, mas sim do espírito (DREW, 2017).

Em janeiro de 2018, a Revista Donna, encarte do jornal Zero hora, estampou em sua capa uma reportagem chamada "A hora das *Agelles*", ou seja, das mulheres que não se deixam rotular pela idade. De acordo com os depoimentos das entrevistadas, o envelhecimento, para elas, está sendo visto como positivo, pois continuam protagonizando as suas vidas e vivendo bem (FONSECA, 2018).

Em entrevista à revista, Mirian Goldenberg afirma que as velhas e os velhos na atualidade estão vivendo com mais liberdade e são chamados de "*Ageless*" por serem





inclassificáveis. Diz ainda que, nesta fase da vida, é preciso viver com mais beleza, alegria, e bom humor (PALATNIK, 2013).

Um estudo realizado com 500 mulheres, publicado no *The Telegraph*, no ano de 2017, confirmou que, após os 35 anos, os rótulos sociais começam a perder a sua força e importância. A pesquisa apontou ainda que as mulheres que estão com 40 e 50 anos não se identificam com o rótulo social “mulheres de meia idade” que supostamente as define. Na plenitude de sua vida, as mulheres que nasceram nos anos 60 e 70 se recusam a serem definidas a partir de sua idade (GARRIDA, 2017).

Elas também são chamadas de *perennials*, pelo fato de que, para elas, a idade é o que menos importa. Consideram-se abertas a novas experiências e mudanças, caso não estejam satisfeitas. São mulheres donas de si, uma vez que são protagonistas de suas vidas (KARAM, 2017).

A beleza na maturidade é o momento de se libertar de certas imposições, como a do ideal de beleza, reproduzido pela mídia. O momento é de se aceitar e não mais viver de acordo com os ditames impostos pela sociedade, mas sim de acordo com os nossos desejos. Mas romper com o velho padrão de comportamento para adquirir um novo exigirá novos hábitos sociais e práticas de consumo; é uma tarefa nada fácil pois exige coragem. É uma atitude semelhante a tatuar uma borboleta como símbolo da metamorfose ao invés do nome da filha ou do filho. Nada mais prazeroso do que ser você mesma a partir dos 50 anos. (GARRIDA, 2015).

Mulheres de "cabeça feita", à medida que vão envelhecendo continuam rompendo com determinados comportamentos, os quais são impostos pela sociedade do espetáculo da qual falou Guy Debord. São pessoas que estão seguras em boa parte de suas vidas e que, ao invés de serem influenciadas, influenciam muita gente.

Para estas mulheres, a liberdade de viver sem amarras e com espontaneidade sempre fez parte de suas vidas. Não é por acaso que, ao envelhecerem, assumam os seus cabelos brancos, as suas rugas assim como os seus corpos caídos, tudo isso sem se importar com que as outras e os outros vão dizer. No entanto, são atitudes nada fáceis de serem encaradas em uma sociedade que cada vez mais reverencia a beleza e a juventude em detrimento da feiura e da velhice. O fato é que estas mulheres não são cúmplices de uma sociedade que está cada vez mais solitária e infeliz por não conseguir atingir os ideais de beleza e rejuvenescimento impostos a qualquer custo.





Conclusão

Não há fonte da juventude nem milagre que impeça as pessoas de envelhecer. Quanto a isso nada podemos fazer. No entanto podemos trocar a lente pelo qual enxergamos o envelhecer.

A importância da idade está perdendo força para muitas mulheres, no sentido de não haver mais impedimentos sociais ou psicológicos para fazer o que bem quiserem de suas vidas. Isso faz com que elas se mantenham constantemente interessadas, motivadas e com projetos de vida.

E se resolvêssemos desafiar o *establishment*, assim como as mulheres *ageless* que romperam com as expectativas sociais, desafiando normas e convenções a respeito de como uma mulher deve se comportar ao envelhecer?

Aliás, a bem da verdade, é bom registrar que aqui ninguém disse que temos que abandonar nossas vaidades e tudo que vem com elas pois, não há problema nenhum quanto a isso. Desde que possamos escolher livremente e nunca por imposição.

Referências

ABREU, M. C. **Mulheres contemporâneas: vaidosas, produtivas e de bem com a vida.** Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/mulheres-contemporaneas-vaidosas-produtivas-e-de-bem-com-vida/>>. Acesso em: 08 mai.2018.

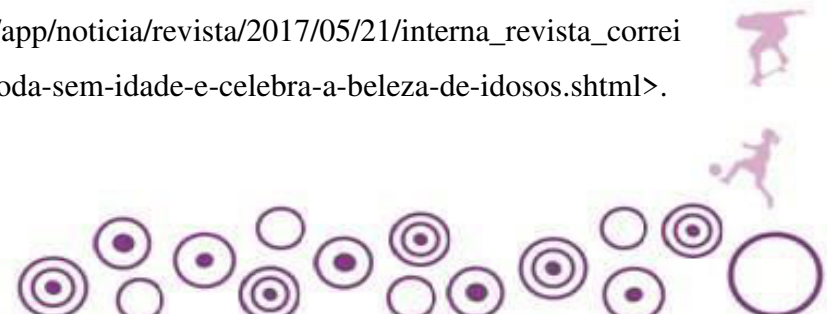
BASSIT, A. Z. Histórias de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Orgs). **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-10.pdf>>. Acesso em: 09 mai.2018.


BIRMAN, J. A terceira idade em questão. **A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento**, São Paulo, v. 24, n. 58. p. 36-49. nov. 2013.

DREW, S. A tendência ageless propõe moda sem idade e celebra a beleza dos idosos: fashionistas, modelos e estilistas defendem o movimento ageless, da moda sem idade. Eles mostram que ser fashion e ter estilo não é ousadia só permitida aos jovens. 2017. **Correio Brasileiro.** Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/05/21/interna_revista_correio,596429/a-tendencia-ageless-propoe-moda-sem-idade-e-celebra-a-beleza-de-idosos.shtml>.

Acesso em: 14 mai.2018.





FERREIRA, V. N. O envelhecimento feminino na sociedade do espetáculo. Dissertação (Mestrado em Psicologia); Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

FONSECA, C. A hora das "AGELLES". **Jornal Zero Hora - Revista Donna**. Porto Alegre/RS. 2018.

GARRIDA, M. Mulheres "perennials": as gerações que não se identificam com a meia-idade. Nem millennials, nem xennials. Após os 35 anos, as mulheres renunciam aos rótulos sociais. 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/21/estilo/1500664679_731997.html>. Acesso em: 07 mai. 2018.

MARTINS, R. M. L.; RODRIGUES, M. L. M. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. Disponível em: <<http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/576/1/Estere%C3%B3tipos%20sobre%20idosos.pdf>>. Acesso em: 18 mai.2018.

MELLO, S. Mulheres que estão envelhecendo melhor do que antes. 2017. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2017/11/vida/viver_com_saude/2202006-mulheres-estao-envelhecendo-melhor-do-que-antes.html>. Acesso em: 24 mar.2018.

MESQUITA FILHO, M.; EUFRÁSIO, C.; BATISTA, M. C. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 554-67, 2011.

MOTTA, A. B. As velhas também. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011.

MUCIDA, A. Sexualidade feminina e envelhecimento no mal-estar da cultura contemporânea. 2011. Disponível em:

<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6437_SEXUALIDADE+FEMININA+E+ENVELHIMENTO+NO+MALESTAR+DA+CULTURA+CONTEMPORANEA>. Acesso em: 11 mai.2018.

PALATNIK, S. "Bela velhice". **Nosso Jornal**. 2013. Disponível em: <<http://nosso.jor.br/bela-velhice/>>. Acesso em: 20 fev.2018

KARAM, L. **Perennials**: uma nova geração de mulheres. 2017. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2017/09/perennials-uma-nova-geracao-de-mulheres.html>>. Acesso em: 20 mar.2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

